



OS PROFESSORES E A VIOLÊNCIA: realidades e responsabilidades no ambiente escolar

Ivanete Vencato Puerari Ferreira*

Marion Machado Cunha**

RESUMO

Este artigo busca analisar e compreender as reais condições de trabalho que o professor exerce em sua prática docente em meio à violência no espaço escolar. A base teórico-metodológica é marxista, em Karl Marx. Os sujeitos da pesquisa são três professores do ensino fundamental. O instrumento utilizado foi a entrevista com perguntas semi-estruturadas. Concluiu-se que a violência escolar impacta no trabalho do professor. A violência está circunscrita na forma histórica do capitalismo que se reproduz no ambiente escolar: uma hegemonia dominante e perversa.

Palavras-chave: Educação. Violência escolar. Professores. Trabalho.

1 INTRODUÇÃO

Neste artigo nos propomos discutir e problematizar em que medida a violência sofrida pelo professor em seu ambiente de trabalho compromete suas relações com os alunos, sujeitos envolvidos no contexto educativo.

A condição material do trabalho docente está ligada ao desenvolvimento das relações pedagógicas estabelecidas entre professor e aluno sob uma determinada perspectiva. As normativas que regulamentam a profissão docente acabam tendo um caráter de instrumentalizar o professor, para que apenas realize a sua função de ensino e aprendizagem.

* Acadêmica do 7º Semestre do Curso de Pedagogia, Faculdade de Educação e Linguagem da UNEMAT - *Campus* Universitário de Sinop.

** Graduado em História pela Faculdade de Filosofia de Ciências e Letras Imaculada Conceição, Santa Maria, RS. Mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Doutor pela Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor concursado em Metodologia Científica, do *Campus* Universitário de Sinop.

De outra dimensão, as relações de trabalho capitalistas que se impõe como apropriador do tempo de trabalho mediante a condição de assalariamento do trabalhador, despossuído dos meios de produção. E, neste movimento, o sujeito professor acaba, como qualquer trabalhador assalariado, coisificado em suas relações. A coleta de dados foi realizada na escola Estadual Nossa Senhora da Glória, do município de Sinop, Mato Grosso (MT). Os sujeitos da pesquisa foram os professores de Português, de Biologia e de História. Embora seja uma pesquisa localizada em único espaço escolar, suas relações particulares estão mergulhadas em uma sociedade capitalista. Por isso, nos investimos da orientação de Estudo de Caso (TRIVIÑOS, 1987), como a mais adequada para este estudo é qualitativo.

Nossa pergunta partiu para problematizar os aspectos sociais relacionados ao ambiente de trabalho do professor e como este desenvolve tal trabalho mediante algumas situações de violência.

A concepção marxista foi a base necessária para seguir no caminho para apreender o fenômeno, evidenciando as contradições geradas, sua origem, e as novas contradições oriundas do mesmo ao decorrer do tempo.

Abstrair-se-á os elementos que evidenciam o movimento das contradições no e do objeto analisado, compreendendo-se assim o seu processo, elencando os diversos fatores que influenciaram sua gênese, e que compõem a sua estrutura.

2 REALIDADES NO AMBIENTE ESCOLAR

Em um artigo escrito por Canário (2006, p. 51), a escola na atual sociedade está em crise: “a escola passou a ser invadida pelos problemas sociais que antes lhe eram exteriores, apresentando aos professores, novos problemas cuja solução não é fácil”. Os professores sentem-se de alguma maneira como se fossem aprisionados pelos problemas externos que de alguma forma penetram no interior das salas de aula, tornando o relacionamento entre eles e alguns alunos irrelevantes.

Conforme Saviani (1996, p. 73) “[...] a educação é um ato político [...] isto significa [...] que a educação não está divorciada das características da sociedade [...] ela está determinada pelas características básicas da sociedade na qual está inserida”. Qualquer fato que venha a ocorrer na sociedade, por mais banal e absurdo que seja, tem seu reflexo na educação, seja ele positivo ou negativo. E como vivemos em uma sociedade capitalista onde tudo é descartável, e, prioriza-se o ter e não o ser, a educação como transmissora de conhecimentos e de valores sociais é afetada e manipulada constantemente. Por esse motivo,

“[...] torna-se bastante claro que a educação formal não é a força ideologicamente primária que cimta o sistema capitalista, [...] uma das funções principais da educação [...] é produzir conformidade” (MÉSZÁROS, 2005, p. 4).

Muitos jovens aprendem bem mais na convivência com a sociedade do que nos momentos que passam na escola. As instituições escolares são partes importantes se um sistema que trabalha a interiorização e a inculcação de valores materiais sendo “[...] induzidos a uma aceitação [...] dos princípios reprodutivos [...] dominantes [...] adequados [...] de acordo com as tarefas reprodutivas que lhes foram assinaladas” (MÉSZÁROS, 2005, p. 4). Será que nossos conteúdos de aprendizagem “[...] estão ao serviço da perpetuação [...] da ordem social alienante e finalmente incontrolável do capital?” (MÉSZÁROS, 2005, p.5). Mézáros (2005, p. 9) mostra com total relevância que para os conteúdos assimilados nas escolas serem realmente de bom proveito para nossas vidas “[...] temos que reclamar o domínio total da educação [...] colocar em perspectiva sua parte formal, a fim de instituir [...] uma reforma radical”.

Algumas questões são importantes de serem destacadas: teriam as nossas escolas condições de atenderem aos alunos que mais necessitam de atenção e de um acompanhamento especial? Poderíamos defender uma escola capaz de impedir a violência? Para alguns professores essa escola ainda não existe, pois falta estrutura física e pedagógica, e eles, como profissionais, ainda não possuem um conhecimento específico para cada necessidade. No entanto, parte dessa concepção revela pouco dos desafios vivenciados por uma sociedade capitalista soerguida para exploração do trabalhador por torná-lo despossuído.

A dimensão do Estado funciona, no capitalismo, como ‘gerência da burguesia’, ou seja, o Estado é subjugado pela sociedade burguesa que domina o capital. Conforme Saviani (1996, p. 73) “[...] quando a sociedade é dividida em classes cujos interesses são antagônicos, a educação serve a interesses de uma ou de outra das classes fundamentais”. Se existem interesses, estes pertencem a um número limitado de sujeitos, pois sabemos que é uma minoria que domina o poder. Os professores estão diante de inúmeras situações problemáticas que podem ser as desencadeadoras da violência, uma dentre muitas é a exclusão escolar.

Então a escola, mesmo como formadora institucionalmente, não deixa de ser a reprodutora das desigualdades sociais. “A meritocracia escolar, pode ser um princípio libertador, o que não impede que legitime as desigualdades, na medida em que atribui sua responsabilidade às próprias vítimas” (DUBET, 2001, p. 16). A Instituição escolar infelizmente tem seguido as leis reprodutoras do capital, que não deixa de ser excludente, preconceituosa, discriminatória e meritocrática. Essa afirmação, tem mais sentido quando

problematizada: ‘nas mãos de quem está concentrado todo o poder?’ De acordo com Mészáros (2005, p. 1): “A lógica incorrigível do capital exclui [...] a possibilidade de legitimar o concurso entre as forças hegemônicas [...] rivais de uma dada ordem social [...] no domínio cultural/educacional”. Historicamente falando, quaisquer mudanças no sentido de reformar o capital, e que venham a ocorrer em nossa sociedade, estarão ligadas a interesses econômicos superficialmente disfarçados. A própria democracia é refém do capital.

2.1 VIOLÊNCIA, SUAS MANIFESTAÇÕES E OS PROFESSORES

Devido ao risco de se levar os fatos ao extremo, esta pesquisa centraliza-se principalmente na violência exercida pelo capital em relação à escola. É o que nos diz de forma profunda o autor do livro: A educação para além do capital: “Poucos negariam hoje que a educação e os processos de reprodução mais amplos estão intimamente ligados” (MÉSZÁROS, 2005, p. 4). A educação não poderá mudar de acordo com as necessidades básicas de cada indivíduo que dela depende, se não ocorrer a conexão social coletiva que almeje por mudanças possíveis e visíveis. Mas o que de fato ocorre “[...] são alguns ajustamentos menores em todos os domínios em nome da reforma, incluindo o da educação” (MÉSZÁROS, 2005, p. 4). Como o capital é incorrigível (MÉSZÁROS, 2005), o que poderá ocorrer são pequenas ou quase fracassadas tentativas de correções ou melhorias para alguns setores, incluindo o setor educacional.

O professor, como sujeito ativo e presente no contexto escolar, sofre as pressões do capital. É sob esse contexto que Abramovay sublinha que “Nossa escola, embora seja vista como chave de oportunidades para uma vida melhor, pode ser também, local de exclusão [...] pode discriminar e estigmatizar, marginalizando o indivíduo [...]” (2008, p. 41). E o aluno, como ser social que é, traz para dentro da sala de aula, muitas vezes até de forma inconsciente, alguns aspectos violentos que são vividos no meio social e familiar. São vários os fatores que geram a violência contra os professores. De acordo com “[...] levantamentos feitos através de pesquisas, mostram que a violência tem uma história, que ela não foi simplesmente uma explosão inesperada: ela é previsível, pois foi construída socialmente” (DEBARBIEUX, 2002, p. 82). Não deixa de ser um resultado da violência social que vem sendo construída há séculos, como salientam Marx e Engels (2003, p. 26), “desde as épocas mais remotas da história, encontramos, em praticamente toda parte, uma complexa divisão da sociedade em classes diferentes, uma gradação múltipla das condições sociais”.

Infelizmente vivemos as guerras de classes, guerras pelo poder exclusivo de uma única classe, cuja satisfação consiste na ‘desgraça’ dos produtores, condicionados a serem

assalariados. Então, as brutalidades geradas pela forma mercadoria, que assume o trabalho, impõem suas manifestações das mais diversas formas, como a violência física, moral e psicológica que, podem resultar na sua forma mais cruel, sendo resultado da dominação material que privilegia somente uma única classe social.

Debarbieux (2002, p. 82) mostra em suas pesquisas “como o *stress* acumulado da micro-violência pode ter um efeito tão destabilizador quanto um único ataque grave, e que a violência é tanto uma questão de opressão diária quanto de atos brutais espetaculares”. Para os professores que vivem diariamente essa realidade, tanto a incivilidade como os atos de extrema violência provocam uma sobrecarga emocional negativa importante. Em pesquisa fornecida pela Organização Internacional do Trabalho (OIT) (1991, p. 123):

[...] são frequentes as situações de desgaste do professor que poderia estar associadas não só ao excesso de alunos em sala de aula, mas a outras influências da jornada e das condições gerais de trabalho, acrescidas da condição de enfrentamento do professor de questões de ordem social e econômica, tais como desprestígio da profissão e a exposição a situações da vida social moderna, consideradas estressantes.

A carga horária do professor não está presente somente nas quatro horas, mas vai além, muitos desses profissionais tem que cumprir uma jornada dupla de trabalho, pois o salário é pouco. Então se faz necessário, na maioria das vezes, complementar-se com trabalhos extras. Existe também a relação referente à quantidade de alunos em sala, o número é muito maior do que o permitido – são situações que aprofundam as péssimas condições enquanto trabalhadores assalariados, intensificando o tempo de trabalho. É uma situação real de discriminação em relação ao professor, como nos mostra Bastos (2000, p. 45) “[...] é evidente o caráter discriminatório de nosso sistema de ensino quando, percebemos que a rede privada trabalha com uma relação alunos por turma bem menor que aquela da rede pública”. São questões que mostram claramente a situação em que os professores da rede pública de ensino encontram-se.

2.2 PROFESSORES: trabalho, escola e os resultados

Serão apresentados a seguir alguns elementos empíricos coletados nas entrevistas com os professores participantes. Os professores serão denominados como A, B, C, para uma melhor compreensão das análises e interpretações.

Todas essas questões relacionadas à violência e que envolvem os professores, nos traz uma preocupação quanto a sua causa real, porque tais fatos ocorrem de forma tão corriqueira que, fazem tais ações se tornarem banalizadas? A professora B nos diz que:

(01) Professora B: A família e o Estado têm uma grande responsabilidade pela onda de violência que vem ocorrendo nas escolas e nas salas de aula. Eles querem empurrar a responsabilidade para nós professores e para as escolas. Nós somos vistos como vilões.

De fato, o estado tem uma grande responsabilidade em relação ao que se é discutido aqui, mas tem que se ter o cuidado com o “[...] neoconservadorismo que vem contribuindo para a criminalização da pobreza, [...] interpretando como uma maneira de aliviar o Estado de suas responsabilidades na gênese social e econômica da insegurança” (DEBARBIEUX, 2002, p. 21).

Assim, como o professor, os pais desses alunos são também trabalhadores, que na sua grande maioria ganham um salário que é mínimo e pouco permite a reprodução das condições mínimas para o sustento seu e/ou da sua família.

Os fatos sociais que vem ocorrendo são como Marx e Engels (1999, p. 10) afirmam: “O governo moderno não é senão um comitê para gerir os negócios comuns de toda a classe burguesa”. As relações de poderes figuradas no Estado e expressas pelos governos são ao mesmo tempo uma das dimensões da dominação capitalista, detentora do poder, ou seja, a classe social que possui as maiores riquezas.

Os professores sentem constantemente o peso da exploração do sistema que resulta na retenção de propostas de qualidade para a instituição escolar. Diante desses fatos os resultados podem ser extremos, resultando em atos violentos advindos dos alunos, observemos a opinião da professora B:

(02) Professora B: Durante o tempo em que trabalhei aqui nessa escola já presenciei alguns atos violentos como agressão verbal, xingamentos, desrespeito, alguns empurrões. Por incrível que pareça, os agressores acham tudo muito normal.

Considerando o fato descrito, podemos contatar que são inúmeras as dificuldades encontradas pelos professores, dentre essas dificuldades existe a falta de apoio para lidar com essa violência que “[...] constitui um importante objeto de reflexão e também [...] um grande problema sócia” (ABRAMOVAY, 2003, p. 13). Os casos de atos violentos que ocorrem

contra professores não são fenômenos da atualidade, eles transcorrem há anos. Tais fenômenos simplesmente transformaram-se em problemas sociais importantes. O caso é que os professores veem-se diante de situações problema, muitas vezes não sabendo onde e a quem recorrer. Vejamos o caso do professor C:

(03) Professor C: Fui agredido por um aluno, registrei ocorrência, ele me ameaçou fisicamente, outros casos de ameaças também ocorreram, é difícil, tem momentos que me pergunto se vale a pena continuar nesta profissão.

O professor entrevistado sofreu intimidações físicas e verbais, esse tipo de violência é traumático, por isso tal fato não deve ser banalizado. A incivildade não deixa de ser um ato violento que, dentre outros, pode provocar o mal estar docente e um medo constante. Os professores que sofrem violência sentem-se desestimulados, isso afeta muitas vezes sua autoestima profissional.

(04) Professor A: Ocorre muito a falta de respeito com a pessoa, um não respeita o outro, não respeitam nem os funcionários, nem o professor, às vezes me parece que eles nos odeiam, nós para eles somos uns carrascos, alguns não conseguem ter um bom relacionamento conosco.

A violência gerada pelas condições de trabalho do professor e pela intensificação do trabalho eleva sua própria reflexão a um estágio limite: situado em plano da quase conformidade e constatação. A imagem da perpetuação de estrutura da educação, onde o sistema está oculto, fazem surgir contradições e desigualdades fixadas no ambiente de trabalho dos professores. Tais desigualdades geram rebeldia, falta de interesse e, alguns atos violentos.

A educação escolar homogeneizada funciona como contenção dos trabalhadores, porque não atende as especificidades dos mesmos, ao mesmo tempo ideologiza-se como universal e de interesse comum: a escola para todos é uma escola seletiva e excludente. Sua única promessa é a certificação para divisão do trabalho capitalista. Seu papel ideológico, como “prática dominante da classe dominante” (MÉSZÁROS, 2005) implica, em sua forma tácita, a universalização passiva e fragmentada da realidade para a qual o professor tem de ter uma correspondência de produtividade.

O saber, o conhecimento adquirido na formação e as conquistas intelectuais são minimizados. As relações promovidas são de uma valorização da negação pontual enquanto

insatisfação a uma escola e trabalho do professor. Vejamos o que o professor A nos diz sobre tais fatos:

(05) Professor A: Creio que seja fundamental a valorização do professor como profissional que representa o futuro da nação. Nós sabemos que existe uma grande diferença da equiparação salarial de um professor e um engenheiro. O governo deveria priorizar a educação não só no discurso, o Plano Nacional de Educação demora para ser aprovado, eles usam isso como desculpa, o investimento não vem devido a não aprovação do Plano Nacional de Educação. Aqui na escola o ar condicionado está parado, estragando, sabemos o custo de tudo isso, para que? Para jogar no lixo, é o nosso dinheiro que está sendo jogado fora, por cento das riquezas, somente dez (10%) por cento da população tem acesso a essas riquezas, e desses dez (10%) por cento, noventa (90%) por cento são políticos.

O capital faz parte de um processo de exploração, gera resistência, revolta e lutas. Os professores sabem da importância de ensinar aos alunos tudo o que é necessário para que consigam conviver em sociedade de forma independente. Não querem ensinar sujeitos para tornarem-se alienados, não querem fazer parte de uma instituição que segue as regras do Estado burguês, que prega a alienação e o consumismo. Querem sim, através de um modo de ensino diferenciado, levar aos alunos uma forma de consciência plena sobre o real valor da cidadania, por meio de uma consciência crítica que os torne capazes de mudar as bases do sistema econômico dominante.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa pesquisa realizada com os professores do nono ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual Nossa Senhora da Glória, do município de Sinop, foram apontadas algumas tentativas que correspondem à realidade da pressão própria do sistema capitalista que, tem se manifestado de forma gradual no sistema educacional. As ações políticas estão ausentes do processo educacional. Além disso, muitas vezes os professores têm que seguir normas já instituídas, não possuem a devida autonomia para desenvolver seu trabalho, estão presos em um sistema burocrático com normas preestabelecidas. Então o trabalhar para a maioria desses professores tem se tornado um drama, resultado de toda essa violência estrutural existente.

O sistema capitalista tem feito com que a maioria das escolas públicas passem por dificuldades múltiplas, nossas escolas não conseguem oferecer um ensino de qualidade,

faltam investimentos, e assim a escola não encontra meios para prover o necessário, são muitas as precariedades. Podem existir conexões entre a violência e a desestrutura das instituições de ensino, onde os professores são tratados como meros proletários que, vendem sua mão de obra, gerando um processo de exploração capitalista. Tais fatores refletem de forma negativa na vida profissional dos professores, no aprendizado dos alunos e em sua relação com os professores.

São reflexos da ausência das famílias enquanto instituição e do Estado instituição capitalista que, se exime das suas responsabilidades.

**TEACHERS AND VIOLENCE:
realities and responsibilities in the school environment**

ABSTRACT¹

This article seeks to analyze and understand the actual working conditions on which teachers exert their teaching practice through the violence in the school environment. The theoretical and methodological background is Marxist, in Karl Marx. The subjects are three elementary school teachers. The instrument used was a semi-structured interview questions. It was concluded that school violence impacts in the teacher's work. The violence is limited in historical form of capitalism that reproduces in the school environment: a dominant and perverse hegemony.

Keywords: Education. School Violence. Teachers. Work.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam. **Violências nas escolas**. Brasília: Unesco, 2002.

BASTOS, Zélia. **Estatísticas dos professores no Brasil**. Bahia: Fundação Anísio Teixeira, 2000.

CANÁRIO, Rui. **Escola: crise ou mutação**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

¹ Tradução realizada por Kênya Karoline Ribeiro Sodré (CRLE – Revista **Eventos Pedagógicos**).

DEBARBIEUX, Eric. Violência nas escolas: divergências sobre palavras e um desafio político. In DEBARBIEUX, Eric; BLAYA, Catherine (org.). **Violência nas escolas e políticas públicas**. Brasília: UNESCO, 2002.

DUBET, François. **A escola e a exclusão**. Bordeaux, 2003.

GADOTTI, Moacir. **Qualidade na educação: uma nova abordagem**. Florianópolis: COEB, 2013.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto comunista**. São Paulo: Curcumina, 1984.

_____; _____. **Textos sobre educação e ensino**. Campinas: Navegando, 2011.

MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2005.

PROFESSOR A. **Professora A:** depoimento. [07 ago. 2013]. Entrevistadora: Ivanete Vencato Puerari Ferreira. Sinop, MT, 2.2222 KB. Entrevista concedida para o Trabalho de Conclusão de Curso sobre a violência escolar em relação ao trabalho do professor.

PROFESSORA B. **Professora B:** depoimento. [14 ago. 2013]. Entrevistadora: Ivanete Vencato Puerari Ferreira. Sinop, MT, 2013. 3,3333 KB. Entrevista concedida para o Trabalho de Conclusão de Curso sobre a violência escolar em relação ao trabalho do professor.

PROFESSOR C. **Professor C:** depoimento. [22 ago. 2013]. Entrevistadora: Ivanete Vencato Puerari Ferreira. Sinop, MT, 2.2222 KB. Entrevista concedida para o Trabalho de Conclusão de Curso sobre a violência escolar em relação ao trabalho do professor.

SAVIANI, Demerval. **Escola e democracia**. Campinas: Cortez, 2002.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.